

# Heranças africanas e povos indígenas: novas linguagens para o ensino de história na Rede Anísio Teixeira - BA

**Telma Gonçalves Santos**

Universidade de Campinas (UNICAMP)

**Valdineia Oliveira dos Santos**

Universidade Católica de Salvador  
(UCSal)

**Resumo:** O presente artigo aborda a produção audiovisual da Rede Anísio Teixeira, em especial os episódios Revolta dos Malês e Povos Indígenas, que fazem parte do programa Intervalo. A Rede Anísio Teixeira (Rede AT) é um ambiente de produção e compartilhamento de mídias de licença livre, possíveis de serem acessadas através do Ambiente Educacional Web. Este repositório de conteúdos digitais educativos tem como público alvo a comunidade escolar da rede pública. Os episódios Revolta dos Malês e Povos Indígenas fazem parte de um acervo de produções da TV AT, cujos temas são relacionados à História da Bahia. Estes produtos põem em destaque as dinâmicas socioculturais dos povos indígenas e da população negra do nosso estado. O objetivo desse artigo é discutir o papel dessas novas linguagens de ensino e aprendizagem na disciplina de História, bem como as possibilidades de aproximar as novas abordagens historiográficas da educação básica.

**Palavras-chave:** Audiovisual; Ensino de História; Legado Africano; Povos Indígenas.

**Abstract:** This article discusses the audiovisual production of the TV Anísio Teixeira, especially the episodes Revolta dos Malês and Povos Indígenas, which are part of the program Intervalo. The Rede Anísio Teixeira (Rede AT) is an environment of free license media production and sharing digital content, able to be accessed through the Ambiente Educacional Web (AEW). This educational digital content repository targets primarily the public school community. The Revolta dos Malês and Povos Indígenas episodes are part of the TV AT productions

whose themes are related to the History of Bahia, where the socio-cultural dynamics of the indigenous peoples and the black population of our state are highlighted. The aim of this article is to discuss the role of these new languages of teaching and learning in the discipline of history as well as the

possibilities of bringing new historiographical approaches to the high school education.

**Key Words:** audiovisual, history teaching, african legacy and indigenous people

## Introdução

Pensar a educação, na contemporaneidade, significa compreender o lugar alcançado pela linguagem audiovisual no campo do ensino e aprendizagem e também refletir sobre as formas de transmissão de conhecimento articuladas à memória social. Assim, sendo esse artigo propõe a discussão do quadro Histórias da Bahia produzido pela TV Anísio Teixeira (TV AT), bem como a interlocução deste produto com as demandas impostas pela sociedade contemporânea.

A TV AT faz parte da Rede Anísio Teixeira, tendo está sido instituída através da portaria Nº 9004/08, em 20 de agosto de 2008, no governo de Jaques Wagner (2007 a 2014). Pensada enquanto centro difusor e produtor de mídias com licença livre (*creative commons*), a Rede integra diversos programas de difusão de linguagens e comunicação, sendo a TV AT um dos três eixos estruturantes deste complexo educativo. Os outros núcleos de produção e compartilhamento de conteúdos digitais são: o Blog da Rede, a Revista AEW e a Rádio Anísio Teixeira, está última ainda em fase de implementação. Todos os conteúdos produzidos pela Rede são alocados no repositório de compartilhamento do Ambiente Educacional Web (AEW). A Rede, atualmente, é composta por professores da rede pública de ensino do estado como graduação em História, Filosofia, Sociologia, Geografia, Português, Inglês, Matemática, Física, Química e Teatro. O quadro é composto ainda por psicopedagogas. Uma parte destes professores têm ainda uma segunda formação em audiovisual, outros em jornalismo. A Rede dispõe de um contingente de profissionais capacitado na área de tecnologia da informação para promover melhorias na estrutura tecnológica do AEW. Acolhemos ainda estagiários do curso de comunicação, tecnologia da informação e administração. Os gestores da Rede e da TV AT têm formação em tecnologia da informação e cinema.

Esta composição de profissionais da área de educação, de cinema, de comunicação e de tecnologia da informação possibilita a Rede uma total autonomia na concepção e difusão de seus produtos.

### **O pensamento Teórico-Metodológico na Construção dos Produtos da Rede AT**

A construção teórico-metodológica que permeia o projeto educacional das produções da TV AT caminha ao encontro da discussão propostas por Jacques Le Goff acerca da relação entre conhecimento e memória, e do papel de destaque da linguagem e suas transformações sociais.<sup>1</sup> As reflexões desse autor se desenvolvem no sentido de explicar como as sociedades modificaram, ao longo da história, as formas de linguagem e, por conseguinte, a circulação de conhecimentos no seio do grupo. Antes da existência da escrita, a oralidade possuía um papel central na transmissão dos saberes, também em razão disso, os mais velhos tinham uma posição de honra, uma vez que eram responsáveis pelo acervo memorialístico acumulado pelo grupo. A adoção da escrita fez com que os conhecimentos passassem a ser materializados em documentos, criou-se uma memória a partir da dimensão escrita da vida em sociedade, que junto à oralidade, se constituem em fonte para o trabalho do historiador na interpretação do passado. Durante muito tempo, documentos e livros possuíam um papel central nos processos de ensino e aprendizagem e conhecer significava reproduzir o que estava dito no livro.

Na contemporaneidade, mais precisamente, a partir de 1950, surgiram os computadores com sua memória eletrônica, daí em diante, suas funções foram continuamente incrementadas. Comunicação instantânea, envio e compartilhamento de dados e arquivos abriram uma nova possibilidade de comunicação para um mundo, cada vez mais globalizado. As pessoas passaram a ser protagonistas no envio e recebimento de informações, a um só tempo são vetores e disseminadores do conhecimento. Essa nova dinâmica da linguagem social afetou as formas de sociabilidade e, por conseguinte, os modos de ensinar e aprender.

Antônio Albino Canelas Rubim afirma: “a compreensão da contemporaneidade como sociedade estruturada e ambientada pela comunicação, como uma verdadeira “Idade Mídia” em

---

<sup>1</sup> Le GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo. Editora Unicamp, 2003, p. 421

suas profundas ressonâncias sobre a sociabilidade contemporânea em seus diversos campos”.<sup>2</sup> Esse termo, cunhado pelo mesmo autor, é emblemático para definir a comunicação midiática como um fator estruturante e que permite conhecer melhor a dinâmica de funcionamento da sociedade contemporânea.<sup>3</sup> Essa compreensão converge com os propósitos desse artigo porque aborda a incidência das múltiplas modalidades de comunicação na vida social. Por consequência, a educação absorve esse *modus vivendi* do homem conectado, sendo-lhe imputado a reflexão de suas práticas, para que atualize suas metodologias e abordagens.

A despeito da modernidade tecnológica que margeia a vida social, em grande parte das unidades escolares brasileiras o livro didático continua a ser o maior subsídio para o professor no cotidiano. Selva Guimarães Fonseca afirma que: “o livro didático é, de fato, o principal veiculador de conhecimentos sistematizados, o produto cultural de maior divulgação entre os brasileiros que tem acesso à educação escolar”.<sup>4</sup> Configurando o que seria um descompasso na educação em relação às mudanças da sociedade, Fonseca atesta estarmos na referida “idade média”, mas nosso suporte ainda é o livro didático.<sup>5</sup> Sônia Regina Miranda e Tânia Regina de Luca fizeram uma larga investigação a respeito dos catálogos de livros didáticos no ano de 2005 e afirmam que a maioria ainda preza pelo viés tradicional e eurocêntrico, valorizando os recortes históricos já consagrados e as fontes históricas que possuem um caráter ilustrativo sem valorizar o aspecto construtivo.<sup>6</sup> É importante salientar que esse conteúdo participa na conformação da memória social e, por conseguinte, do desenvolvimento da identidade dos estudantes.

A implantação da lei 10. 639/03 e 11.645/08, que dispõe sobre o ensino de cultura afro-brasileira e história indígena nas escolas, significaram um grande avanço, entretanto, só a lei não basta, é preciso interferir no cotidiano do professor, apresentando novas mídias, para que ele incremente suas práticas e adote novas perspectivas de ensino. Desde a implantação da lei em 2003, surgiram as condições para a existência de materiais didáticos pensados para atender a necessidade do professor por conteúdos que abordem a diversidade étnica do povo brasileiro. No

---

<sup>2</sup> RUBIM, Antônio Albino Canela. A Contemporaneidade como idade média. *Interface (Botucatu)*, nº 7, v.4, 2000, p.25-36. 2000.

<sup>3</sup> *ibidem*, p.26.

<sup>4</sup> FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e Prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados*. Campinas: editora Papyrus, 2003, p. 49.

<sup>5</sup> *idem*

<sup>6</sup> MIRANDA Sonia Regina; LUCA, Tânia Regina de. *O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNL*. *Revista Brasileira de História*, no.48, vol.24, 2004, 123-144.

passado, era muito comum ver o índio representando como um sujeito de hábitos específicos, sem atentar para a diversidade de suas culturas. O negro era, na maioria das vezes, retratado a partir das imagens degradantes dos castigos que sofriam, sem que houvesse, em contrapartida, referência à pluralidade sócio-cultural das unidades societárias africanas e das suas respectivas heranças culturais na construção da sociedade brasileira. Ana Célia da Silva faz uma análise profunda do quadro de mudanças na representação imagética do negro, no livro didático, destacando a sua presença rarefeita. Esta realidade teria motivado, dentre outros fatores, as ações que resultaram na revisão dos conteúdos dos livros didáticos e avanços para a promoção da autoestima dos estudantes negros.<sup>7</sup> Essas construções conceituais e sua materialidade participam da memória social, sendo referencial para a formação de uma identidade negativa ou positiva sobre ser negro ou ser índio no Brasil.

Tendo em vista o exposto, a TV Anísio Teixeira assume o compromisso ideológico de produzir material didático audiovisual apto a representar a memória dos povos indígenas e da cultura afro-brasileira. O quadro Histórias da Bahia atende a esse propósito. Sua estrutura é composta por doze episódios formatados, cada um, com os seguintes elementos: dramaturgia, computação gráfica e entrevista com especialista, perfazendo um total de quatro minutos. A intenção do programa é se constituir em um elemento disparador, chamando a atenção sobre conteúdos pouco discutidos pelos livros didáticos. As entrevistas completa como os especialistas convidados para participar em cada um dos episódios é disponibilizada ao público em geral no Ambiente Educacional Web, através do endereço [www.ambiente.educacao.ba.gov.br](http://www.ambiente.educacao.ba.gov.br).

### **O Papel da Rede AT na Educação Básica da Bahia**

O audiovisual tem sido uma ferramenta de grande relevância para a construção de um sistema educacional efetivo no mundo contemporâneo. No caso da difusão de informações, a TV ocupa um lugar de privilégio na capacidade de transpor limites e levar a uma problematização da realidade social, principalmente a partir da intervenção da instituição Escola. A TV Anísio Teixeira elege a transversalidade enquanto apanágio para a discussão dos conteúdos, a princípio

---

<sup>7</sup> SILVA, Ana Célia da. *A representação social do negro no livro didático : o que mudou? por que mudou?*. Salvador: EDUFBA, 2011.

engavetados em disciplinas outras do currículo básico. A democratização do ensino, objetivo primeiro da TV AT, ganha relevância no cenário da educação da Bahia por trazer para frente da cena a população negra, indígena, e mestiça, permitindo uma identificação da comunidade escolar com a história do nosso estado, bem como dos demais conteúdos correlatos. Neste sentido, conhecer e pesquisar aspectos da história da Bahia se tornam indispensáveis na construção de uma educação pública engajada com as demandas sociais contemporâneas, que tem como agenda prioritária a memória do povo negro e das populações indígenas.

O quadro Histórias da Bahia é a concretização desta proposta de pesquisa e produção audiovisual. Sua realização está ligada tanto ao paradigma, mais geral, de atenção à construção do conhecimento histórico como base para a compreensão da realidade, quanto à noção mais particular, da Rede Anísio Teixeira, de que é preciso construir materiais pedagógicos, de apoio ao trabalho do professor, que estejam em sintonia com as novas discussões identitárias.

### **O Programa Intervalo da Rede AT**

Os episódios do programa Intervalo partem de uma discussão coletiva dos professores acerca dos temas que devem ser abordados. A partir daí, os trabalhos são divididos entre a equipe para a construção dos desenhos pedagógicos. Este é um momento crucial na concepção dos vídeos, pois exige que os docentes se apropriem das discussões acadêmicas mais recente

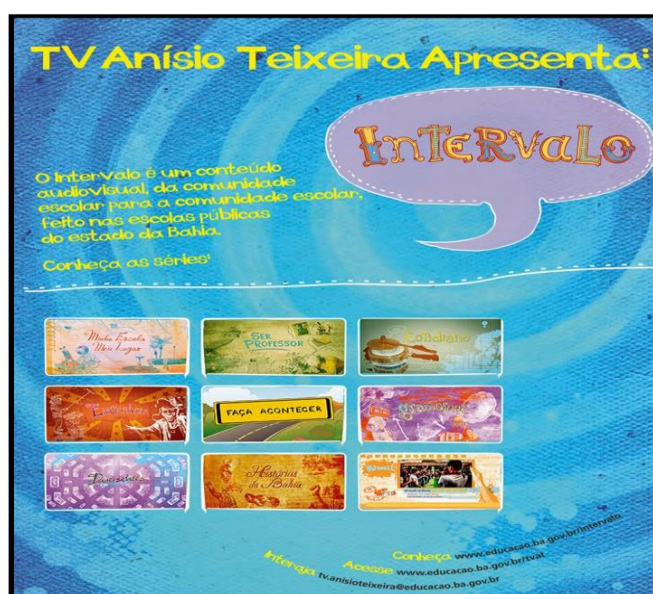
es referentes aos conteúdos a serem abordados. Um criterioso levantamento bibliográfico é a base de toda a construção narrativa observada nos produtos da Rede.

Em um terceiro momento, os designs são apresentados aos demais colegas, das mais diversas disciplinas, que discutem os conceitos que subjazem a estrutura de cada texto. Está metodologia de trabalho garante que todo o processo de construção dos vídeos ocorra de forma coletiva e democrática, porquanto permite que professores das mais diversas disciplinas possam contribuir com suas áreas de conhecimento. Ao fim deste processo é possível garantirmos um produto interdisciplinar e afinado com as discussões teóricas no âmbito da academia. A Rede AT promove, deste modo, um diálogo entre a produção acadêmica, tradicionalmente fechada em seus próprios muros, e o ensino de História voltado a educação básica. João Edson de Aruda Fanaia alude a esse aspecto da distância posta entre os conhecimentos produzidos pela

universidade e o ensino fundamental.<sup>8</sup> O autor confirma o papel da tecnologia como ferramenta importante na transposição desses limites, o que converge com a ação proposta pelos episódios em questão.

A partir do desenho pedagógico, entra em cena os roteiristas encarregados de transformar a pesquisa bibliográfica em imagens e diálogos. A narrativa dos vídeos devem se aproximar das realidades experimentadas pelos sujeitos que integram a comunidade escolar. Na concepção dos professores da TV AT, tornar significativa a construção do conhecimento é um processo que envolve a materialização do mesmo. Em outras palavras, objetivamos deslocar os conteúdos curriculares de uma esfera teórico-abstrata para o campo das vivências humanas, pois o conhecimento deve estar a serviço da solução dos problemas cotidianos.

Fig. 1 Folder do programa Intervalo e dos seus diversos quadros, dentre estes o Histórias da Bahia.



Fonte: Rede Anísio Teixeira/SEC-BA

O programa Intervalo visa atender a demanda da comunidade escolar por ferramentas educativas que levem em consideração aspectos históricos e culturais da Bahia. Os episódios incorporam diferentes linguagens ao processo de ensino e aprendizagem. As narrativas estão articuladas, inicialmente, por uma encenação em locações situadas em Salvador, na região

<sup>8</sup> FANAIA, João Edson de Aruda. História, Saber Acadêmico e Saber Escolar: Um Diálogo Possível? *Coletâneas do Nosso Tempo*, nº 8, v. VII, 2008, p. 13 - 22.

metropolitana e no interior; abordando temas que relacionam o cotidiano à história. Na encenação trabalharam juntos atores profissionais, professores e estudantes da rede pública estadual. Essa foi uma disposição contratual que teve por objetivo fazer com que a comunidade escolar pudesse se sentir representada nos episódios.

Os estudantes da rede pública, de diversas cidades da Bahia, participaram do curso de Interpretação para audiovisual e elaboração de vídeos, ministrado pelo professor de artes cênicas, Nildson Veloso. Sua caravana já percorreu um grande número de escolas no interior da Bahia, a exemplo: Lençóis, Arraial D’Ajuda, Valença, Olivença etc. Abaixo se vê uma foto emblemática dessa formação em que estudantes se apropriam das ferramentas e linguagem audiovisual na escola estadual indígena Tupinambá de Olivença.

Fig. 2: Episódio “Escola Estadual Indígena Tupinambá de Olivença” do quadro “Minha Escola, meu Lugar”.



Fonte: Rede Anísio Teixeira/SEC-BA – Foto: Peterson Azevedo.

A ação educativa proposta pela formação supracitada permite a instrumentalizada da comunidade escolar indígena no uso efetivo da linguagem audiovisual através do uso do celular e outras mídias. Esta ação, pensada em consonância com o pressuposto de que as culturas indígenas não são estanques, tão pouco atávicas, reforçam a ideia de que as ditas culturas não precisam ficar circunscritas às suas comunidades, mas devem conectar-se à aldeia global. Entendemos que



o domínio das novas tecnologias permite aos povos indígenas contarem sua história e se apresentarem ao mundo a partir de sua perspectiva e do seu olhar.

### **O Quadro Histórias da Bahia no Programa Intervalo**

O quadro Histórias da Bahia surge a partir de uma inquietação dos professores da Rede Anísio Teixeira no que diz respeito a pouca observância dada aos fatos históricos ocorridos na Bahia. Esta posição marginal em que a Bahia foi disposta nos livros didáticos sombreia toda a gama de movimentos sociais que contribuíram para a conformação sócio-cultural do nosso Estado. A imagem distorcida da História da Bahia é nociva a comunidade escolar por negar ao alunado o conhecimento de sua própria História, bem como da complexidade dos atores sociais que moldaram os acontecimentos passados.

Os episódios de “Histórias da Bahia” não se prendem às necessidades formativas exclusivamente dos estudantes baianos, pois o desenvolvimento dos quadros, pensados a partir de uma concepção alargada da História, visa contribuir para a construção do conhecimento do patrimônio cultural do Brasil e do mundo. Buscou-se, em paralelo, desenvolver uma estrutura de texto aberta que possibilitasse aos estudantes pensar os diversos temas aqui retratados de modo complexo. Assim sendo, as diversas variáveis desses eventos e seus respectivos sujeitos foram contextualizadas no período histórico em que viveram sem perder com isso a dimensão de atualidade destes conteúdos. A ideia que permeou a concepção deste e dos demais episódios foi justamente torná-los (os episódios) mecanismo disparadores para a discussão dos eventos históricos e seus personagens, evitando-se, deste modo, transferir juízos de valores prontos.

Dito isso, todas as etapas do processo de realização dos vídeos, ou seja, a escolha dos locais de gravação, dos atores para interpretar os personagens, a computação gráfica e a direção de arte foram cuidadosamente pensadas para desconstruir uma visão historiográfica eurocentrada e monocromática, no que diz respeito aos sujeitos históricos. Vejamos como cada um desses elementos de realização dos vídeos foi concebido:

#### **a) Locação para Gravação**

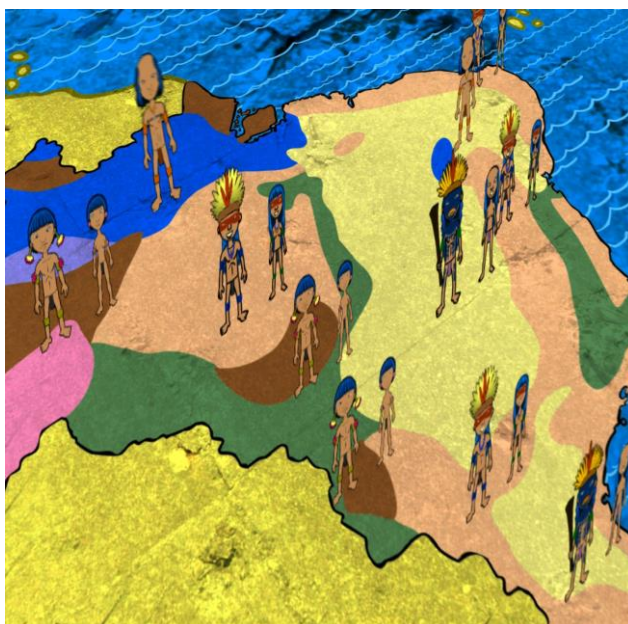
Os locais de gravação são escolhidos com o propósito de evidenciar cenários que representem a realidade urbanística em que se constroem as experiências de vida da comunidade

escolar da rede pública de ensino do estado da Bahia. Em razão disso privilegiamos as regiões periféricas de Salvador e do interior do estado.

#### b) A Computação Gráfica

As narrativas do quadro Histórias da Bahia são ilustradas com computação gráfica, feitas com exclusividade por artistas gráficos. Esta iniciativa deve-se a proposta de oferecermos à comunidade escolar uma alternativa aos padrões estéticos do apresentados nos livros didáticos. Abaixo se vê um exemplo do trabalho de arte feito para o episódio Povos Indígenas:

Fig. 3  
Episódio “Povos da Bahia” do quadro “Histórias da Bahia”



**Fonte:** Rede Anísio Teixeira/SEC. Animação: Augusto Mattos

É importante notar a tônica dada à diversidade das culturas indígenas, entendendo essa identidade no plural. O episódio, como um todo, fornece subsídio para o professor mediar esse conhecimento, destacando as múltiplas referências culturais de cada grupo indígena, do Brasil e da América.

#### c) A Direção de Arte

A composição dos personagens, suas roupas, adereços e maquiagem levam em conta os elementos da cultura popular, sempre ressaltando o que há de belo na diversidade que compõe a

nossa sociedade. Entendemos que estes elementos são parte integrante da narrativa e por isso devemos fugir dos estereótipos, marcadamente presentes nos livros didáticos.

#### d) A Escolha dos Atores

O elenco é escolhido de acordo com os personagens descritos no roteiro. Tendo em vista que nossos temas dizem respeito aos sujeitos sociais oriundos das camadas populares, raramente descritos e/ou referenciados nos livros didáticos, os atores são, como já foi dito, homens, mulheres e crianças que representam a Bahia, em toda a sua diversidade e plenitude.

Os episódios do quadro Histórias da Bahia possuem um formato híbrido, como já foi dito. Iniciam com uma ficção que tem por objetivo trazer para a realidade do aluno os temas que serão tratados ao longo do episódio. Na seqüência, uma apresentadora narra os fatos históricos que são ilustrados com computação gráfica. Por fim, um especialista sobre o tema discorre sobre um ponto específico do fato histórico retratado. Muito embora a fala do especialista no episódio seja de apenas um minuto, a entrevista completa está disponível no Ambiente Educacional Web, efetivando, mais uma vez, uma perspectiva de diálogo entre o saber acadêmico e a comunidade escolar.

### **O Episódio Povos Indígenas**

No episódio Povos Indígenas, as cenas iniciais são protagonizadas por mãe e filha, descendentes indígenas que vivem na cidade de Salvador, sendo a filha uma estudante da escola pública do estado. O fato de não mais residirem em sua terra natal, no interior da Bahia, junto a comunidade indígena a qual pertencem, não lhes impediram, na ficção, de se perceberem índias. A construção identitária das personagens não está presa a vida em uma determinada região. Tão pouco o contato com outras culturas e realidades lhes impediram de se auto-afirmarem indígenas. A trama ficcional se inicia quando mãe e filha assistem a uma filmagem da aldeia indígena - a qual ambas são originárias - para servir a um trabalho escolar. Esta narrativa visa descortinar uma gama de idéias tradicionais a respeito da identidade indígena, trazendo para a discussão as estratégias utilizadas pelos sujeitos sociais para reconfigurar seu sentimento de pertencimento. Está provocação, no que diz respeito ao conceito de identidade e os mecanismos que viabilizam o realinhamento no indivíduo do seu sentimento de pertencimento, implícita nas primeiras cenas,

tem o propósito de problematizar a forma estereotipada com a qual, muitas vezes, definimos o outro. O modo de vida das populações indígenas na contemporaneidade e as estratégias pensadas por estes indivíduos para reelaborar suas identidades, frente aos desafios impostos pelo mundo moderno, precisam ser discutidos. Do contrário, corremos o risco de “deslegitimarmos” tais identidades por não corresponderem as imagens tradicionalmente veiculadas pela mídia e pelos livros didáticos.

Conhecer a interpretação que os historiadores fazem das fontes históricas sobre as populações indígenas não nos habilita construirmos representações atemporais sobre estes indivíduos. A História é fruto do movimento dos sujeitos que moldam suas experiências de vida a partir do quadro de possibilidades que lhes são postas. Isto vale para todos, não sendo possível extirparmos os povos indígenas desta dada realidade. Entretanto, poucos são os livros didáticos que buscam apresentar a população indígena a partir de uma perspectiva diacrônica. A revelia do protagonismo indígena na formação de sua própria história, estes sujeitos são imagetivamente vitimizados nos livros didáticos. Há um evidente descompasso entre a produção acadêmica e os textos produzidos para o ensino médio no que tange, por exemplo, o papel das populações indígenas na conformação do próprio estado brasileiro.<sup>9</sup>

### **O Episódio Revolta dos Malês**

O discurso do vitimizado, impotente e pacífico diante da história foi, durante muito tempo, aceito como a única face do negro escravizado na sociedade brasileira. Visão consagrada pela historiografia tradicional, estes homens e mulheres, humilhados e bestializados, conformaram a presença do negro na História do Brasil e do mundo. Entretanto, a nova historiografia vem revelando um turbilhão de fenômenos históricos que não nos permitem mais acomodar os negros aqui nascidos e os africanos que para cá vieram como meras vítimas da

---

<sup>9</sup> Sobre os trabalhos acadêmicos recentes que tratam do protagonismo indígena na Bahia, cf. RÊGO, Andre de Almeida. *Trajetórias de Vidas Rotas: Terra, Trabalho e Identidade Indígena na Província da Bahia (1822-1862)*. Tese (Doutorado em História). UFBA, Salvador, 2014; ANDRADE, Kelly Silva Prado. *Trocadilhos Étnicos: A Política Indigenista, suas Resistências e Interpretações no Sul da Bahia (1926 – 1938)*. Dissertação (Mestrado em História). UFBA, Salvador, 2014; MARCIS, Teresinha. *A integração dos Índios como Súditos do Rei de Portugal: uma Análise do Projeto, dos Autores e da Implementação na Capitania de Ilhéus, 1758-1822*. Tese (Doutorado em História). UFBA, Salvador, 2013.

história. Associações religiosas, quilombos e revoltas nas cidades e zonas rurais tecem, na atualidade, a face da escravidão vivida na Bahia e no Brasil.

Este episódio trata da revolta escrava protagonizada por africanos escravizados, muitos destes adeptos do islamismo, no ano de 1835, em Salvador, mas também descreve diversas outras estratégias de resistência a escravidão. Buscamos, através da elaboração deste roteiro, dentre outras coisas:

[...] desmistificar a ideia de passividade que permeia o imaginário do alunado no que diz respeito ao negro escravizado. Problematizar tanto o discurso de “congraçamento das raças”, defendido por Gilberto Freyre, na década de 30, quanto a coisificação do escravo, presentes nas análises revisionistas de Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni, representantes da chamada escola paulista. Dar ciência aos aprendentes das diversas formas de resistência ao cativo tanto no campo quanto na cidade. Problematizar o discurso da adaptabilidade do negro ao sistema produtivo escravista, a despeito da existência de tal instituição em África.<sup>10</sup>

Entendemos, por fim, que este quadro se alinha às novas diretrizes de uma academia sensível a necessidade, mais que urgente, em tratar a História da Bahia com a complexidade social que lhe é inerente.

### **Considerações finais**

Pensamos que um grande desafio posto para os professores de história na atualidade é incorporar novas linguagens ao ensino da história. Nesse sentido, o quadro Histórias da Bahia atende a uma demanda proposta pelas novas reformulações do ensino que pretendem tornar o ambiente da história mais democrático e receptivo às narrativas que envolvem as dinâmicas históricas dos povos indígenas e das populações afrodescendentes.

Se a História é o cerne deste quadro, outras disciplinas podem ser apontadas como o esteio da promoção de debates sobre assuntos que permeiam as narrativas dos episódios aqui tratados. O “Histórias da Bahia” dialoga diretamente com a atual conjuntura política, econômica e social do nosso estado. É que, ao pensarmos este projeto, buscamos relacionar os acontecimentos

---

<sup>10</sup> Sumário do episódio Revolta dos Malês. <http://ambiente.educacao.ba.gov.br/tv-anisio-teixeira/programas/exibir/id/3833>

históricos aos desafios impostos aos baianos e baianas pela contemporaneidade. Racismo, preconceito, democracia, ditadura, etnicidade, desigualdade social, imperialismo, violência, turismo, meio-ambiente, cultura e religiosidade são alguns dos conteúdos que perpassam os eventos históricos aqui retratados. A transversalidade constituiu base fundante para a execução deste projeto pedagógico, porquanto entendemos que a disciplina “História” ganha relevância e importância para os estudantes quando fomenta nestes o pensamento complexo, capaz de estabelecer relações com o mundo em que vive e com os problemas e questionamentos que enfrenta cotidianamente.

## Referências Bibliográficas

### Fontes:

Ambiente Educacional Web - <http://ambiente.educacao.ba.gov.br/>  
 Blog dos Educadores – Disponível em: [educadores-tvat.blogspot.com.br/](http://educadores-tvat.blogspot.com.br/)  
 Portal da Educação – Disponível em: <http://www.educacao.ba.gov.br/>

### Bibliografia secundária

ANDRADE, Kelly Silva Prado. Trocadilhos Étnicos: A Política Indigenista, suas Resistências e Interpretações no Sul da Bahia (1926 – 1938). *Dissertação de Mestrado em História*. UFBA, Salvador, 2014.

FANAIA, João Edson de Aruda. História, Saber Acadêmico e Saber Escolar: Um Diálogo Possível? *Coletâneas do nosso tempo*, Rondonópolis - MT, v. VII, nº 8, p. 13 a 22, 2008

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e Prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados*. Campinas: editora Papirus, 2003.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo, editora Unicamp, 2003.

MARCIS, Teresinha. A integração dos Índios como Súditos do Rei de Portugal: uma Análise do Projeto, dos Autores e da Implementação na Capitania de Ilhéus, 1758-1822. Tese (Doutorado em História). UFBA, Salvador, 2013.

MIRANDA Sonia Regina; LUCA, Tânia Regina de. *O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD*. *Revista Brasileira de História*, no.48, vol.24, 2004.

NETO, José Alves de Freitas. A transversalidade e a Renovação no Ensino de História. KARNAL, Leandro (org.). *História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Ed. Contexto, 2012.

RÊGO, Andre de Almeida. *Trajetórias de Vidas Rotas: Terra, Trabalho e Identidade Indígena na Província da Bahia (1822-1862)*. Tese (Doutorado em História). UFBA, Salvador, 2014.

RUBIM, Antônio Albino Canela. A Contemporaneidade como idade média. *Interface (Botucatu)*, nº 7, v.4, 2000, p.25-36. 2000.

SILVA, Ana Célia da. *A representação social do negro no livro didático : o que mudou? Por que mudou?* Salvador: EDUFBA, 2011.

**Telma Gonçalves Santos** = Possui Licenciatura em História pela Universidade Federal da Bahia (2000), mestrado em Globalização, Desenvolvimento e Transição pela Westminster University (2007), mestrado em História da África pela Universidade de Lisboa (2014). Atualmente é doutoranda do curso de História Social da África pela UNICAMP. Atua como professora e produtora de conteúdos pedagógicos da TV Anísio Teixeira/ Instituto Anísio Teixeira (IAT) - Secretaria da Educação da Bahia. Tem experiência na área de Educação, com ênfase no ensino de História e produção de mídias pedagógicas.

**Valdinéia Oliveira dos Santos** = Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz (2002), especialização em antropologia com ênfase em cultura afro-brasileira pela UESB (2006) e mestrado em Memória:Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (2010). Atualmente faz parte do núcleo pedagógico da TV Anísio Teixeira, no Instituto Anísio Teixeira. Tem experiência na área de História, com ênfase em Ensino da História e História e cultura afro-brasileira, atuando principalmente na formação de professores.

**Artigo recebido para publicação em:** Março de 2016.

**Artigo aprovado para publicação em:** Maio de 2016.